

Universidade Livre inaugurou novo ano lectivo

Um acto com «solenidade e algum romantismo»

«No ambiente solene — e ao mesmo tempo romântico — deste Palácio da Bolsa (...) a Universidade Livre do Porto inaugura, com solenidade e algum romantismo, o novo ano lectivo».

Palavras de abertura do Prof. Daniel Serrão, reitor da ULP, na sessão solene do início de um novo ano de trabalhos, perante uma assistência que enchia completamente uma dependência do Palácio da Bolsa. Muitos estudantes daquele estabelecimento de ensino superior compareceram ao acto, para o qual foi convidado, como orador principal, o Prof. Adriano Moreira, da Universidade Livre de Lisboa.

Sobre o visitante, diria o Dr. Daniel Serrão, na sua alocução introdutória, que «é um intelectual livre e é um português dos cinco continentes» cuja voz «não é apenas a de um pensador original é a de um português empenhado no destino do seu povo».

O reitor da ULP diria ainda:

«O ensino superior privado, tornado possível em Portugal, pela publicação da legislação adequada, encontrou na Cooperativa do Ensino Universidade Livre uma fórmula feliz.

Sobre esta instituição, a que preside o Eng.º Brás de Oliveira, sublinharia ainda o Prof. Daniel Serrão que, não tendo «fins lucrativos», o País já deve «à sua acção benemérita e generosa estas duas universidades, onde muitas centenas de estudantes se preparam no âmbito de Direito, de Economia, da Gestão das Matemáticas Aplicadas, das Ciências Sociais, dos Estudos Portugueses e das Ciências Históricas».

NOVOS CURSOS

«Vai a Universidade Livre do Porto», disse, «prosseguir com os cursos superiores de Direito, Economia, Gestão, Matemáticas Aplicadas e Ciências Históricas».

«Referências valorativas do pensamento e acção universitários» foi o tema da lição inaugural do Prof. Adriano Moreira, a qual foi seguida com interesse manifesto pelo público presente, e, particularmente, pelos estudantes.

Antes de proferir a lição, o catedrático fez questão de responder aos louvores que lhe foram endereçados, tendo notado: «Ser português, não foi na Universidade que aprendi». «Esta arte de ser português, onde a aprendi foi com a gente extremamente ignorante e extremamente sábia da minha aldeia».

Nas suas breves palavras de introdução, o Prof. Adriano Moreira mencionou, também, o fenómeno do «fosso entre as gerações», que conduz ao que chamou a «deterioração do consenso», extremamente «grave», pois «a criatividade dos mais novos não pode ser amparada pela experiência dos mais velhos, porque não comunicou...»

«Perde-se o capital da experiência, perde-se o capital da criatividade», disse.

O Prof. Adriano Moreira começou a sua lição, apelando à meditação, neste início de um novo ano lectivo, sobre «as razões que determinam o aparecimento de experiência tão nova no processo do ensino português».

Do seu aparecimento muito recente, entre nós, deu o Pro. Dr. Adriano Moreira a seguinte explicação:

«Aquilo que parece ter determinado, na vida portuguesa, este aparecimento tardio, em relação à experiência ocidental, da mobilização dos recursos e iniciativas da sociedade civil no sentido de organizar um aparelho de ensino precisamente numa conjuntura em que se encontra empobreci-

da de recursos materiais e objecto de um processo internacional de proletarização, foi justamente um fenómeno de degenerescência do Estado».

DUAS LINHAS QUE LUTAM

Referindo-se à «investida de totalitarizante» contra a sociedade civil sublinhou:

«Não foi apenas a sua fonte mais importante, que é a universidade, aquilo que esteve na mira do desmantelamento, porque a linha persecutória foi implacavelmente desenvolvida em termos de obrigar ao êxodo maciço de dezenas de milhares de pessoas que directa ou indirectamente tinham nela a sua matriz intelectual e técnica.

«Assistimos — prosseguiu — ao facto de colocar uma geração inteira em compasso de espera, às portas de uma universidade esvaziada, de lapidando algum do mais va-

(CONTINUA NA PÁGINA 10)

UNIVERSIDADE LIVRE ABRIU O NOVO ANO LECTIVO

(CONTINUADO DA PÁGINA 7)
lho tempo de uma curta vida, e acumulando os encargos improdutivos da comunidade, nos apressadamente imaginados serviços cívico e propedêutico.

Há «duas linhas que ainda lutam» no domínio do ensino, segundo o orador: «a que se guia pela «qualidade de serviço prestado à comunidade» ou a que, resultante de uma «visão totalitária do poder», exige a cada um que se «recondicione», para servir as intenções dos captores do aparelho do Estado», negando «a cada vocação a oportunidade de se realizar».

«A alternativa é clara (...) ou temos uma universidade reconhecida como uma verdadeira instituição, servindo uma ideia que não morre através dos séculos, cidadela de um valor fundamental em face da transitoriedade do poder ou temos um braço delegado do poder instalado, instrumento do complexo aparelho de domínio da comunidade alienada, correia de

transmissão dos desígnios da força triunfante.

«A natureza institucional da Universidade não chega para a tornar livre de todos os condicionamentos decorrentes do poder político», considerou o Prof. Dr. Adriano Moreira.

«Mas», salientou, «que fins e valores serve a iniciativa estadual correctora é que nos dizem de que espécie de Estado se trata».

Citando vários exemplos históricos onde aquela iniciativa, tendo tido embora «fins políticos», foi acompanhada de «finalidade humanística», o docente da Universidade Livre de Lisboa abordou a «intervenção napoleónica, que teve, entre outras consequências, a de afastar a subordinação à ética como condicionante do ensino».

■ «TÉCNICAS SEM ÉTICA MODERADORA»

E, segundo o ponto de vista do orador, o facto de a ética ter sido lançada no olvido ga-

nha em perigosidade com o evoluir dos tempos.

«O saber e a técnica são heranças universitárias que preenchem o susto do próximo ano 2000, com uma humanidade desprovida de uma ética que presida ao uso desses temíveis resultados. A própria paz anda pendente destas técnicas sem ética moderadora, com as minorias manipuladas de longe, com os conflitos locais escondidamente inscritos em estratégias gerais que as vítimas desconhecem, o rebanho humano reduzido a uma coisa manipulada por alguns poucos que decidem arbitrariamente do destino de todos. Continuamos vivos apenas porque alguns homens desconhecidos o consentem. E consentem nisso não pelo que a vida vale, mas porque a vida lhes serve».

E prosseguindo: «Parece crescer um sentimento universal de que a ética, acima das ideologias e dos interesses das facções, tem de ser a resposta para salvação geral». Não parece exagerado inscrever nesse movimento o renascimento do constitucionalismo islâmico, severamente oposto ao ocidentalismo industrializador.

Neste caso, «a ética parece intervir enlouquecida, em estado de desespero, a escrever as suas reivindicações e sentenças com rios de sangue».

O Prof. Adriano Moreira citou por outro lado o exemplo de João Paulo II, que prega «a reimplantação da ética, dos valores eternos, para salvar o homem da massificação, da manipulação, da perda de autonomia, da privação de identidade individual e comunitária».

Referindo-se à situação no nosso país, sublinhou:

■ «QUEREMOS SALVAR A NOSSA IDENTIDADE»

«As circunstâncias tormentosas que rodearam a maior mu-

tação da estrutura portuguesa, como Estado, subalternizaram a ética em favor das ideologias, condicionaram a responsabilidade social das famílias em termos de desafiar ou anular o exercício da sua legítima função educadora. Todavia, esta sociedade pobre, mas não subdesenvolvida, tem quem acreditar no valor da Nação, na importância da Pátria, na indispensabilidade do consenso nacional, na autonomia e superioridade do bem comum sobre os conflitos na razão contra a violência, no franciscanismo da vida contra a proletarianização imposta pela manipulação, da superioridade da ética sobre as ideologias, na duração da comunidade para além da transitoriedade o poder, no Estado como acidente da circunstância do homem em vez de o homem ser um acidente da circunstância do Estado».

«Queremos», acrescentou, «salvar a nossa identidade, salvaguardar uma maneira de estar do mundo em mudança, defender o personalismo contra um transpersonalismo (...) que confundiria a nossa pobreza com o subdesenvolvimento».

E, longamente ovacionado pela assistência, concluiu a sua oração de sapiência:

«É na defesa dessa concepção que a iniciativa privada se move neste domínio do ensino, sem arrogância perante um mundo que não conduz, sem pretensões a ser uma fonte de modelos exclusivos, sem a petulância de doutrinar a todos o que talvez não consiga fazer entender em casa, é por isso modesta, sem nenhuma espécie de humildade. Simplesmente convencida de que a Pátria é esta, a que nos aconteceu sem escolha, que é nossa, que na grandeza e na pobreza não temos outra, e dela é que os restantes povos, e o nosso, esperam que prioritariamente nos ocupemos».